

Questão 01

"Na segunda-feira sempre planejo com a minha dupla, ou seja, uma professora que divide turma comigo. Toda segunda-feira é difícil. Desbordamos da rotina e o planejamento semanal não sai. Problema maior é com a coordenadora que já na terça-feira pede o planejamento. Já que não temos, preenchemos da nossa maneira e entregamos para constar e colocar em uma pasta preta na sala da coordenação. Não sei se a coordenadora olha, só sei que fica lá. No que desbordamos? Em pensar uma semana sem perguntar antes para as crianças, afinal a rotina é nossa, o planejamento é nosso. Logo, não temos planejamento já que todo dia as crianças pensam e querem algo diferente. Elas não pensam na semana, mas no dia. Depende do tempo, do grupo... Quando entregamos o planejamento está escrito: Segunda: Brincar; Terça: brincar... e é assim até sexta. O que sabemos é que elas querem brincar e disso não obtemos nada!"

(Relato de uma professora)

As crianças ressignificam espaços e criam outros possíveis para diferentes objetos e brincadeiras. Já nem sei quantos piques existem, disse uma professora, tem pique-chiclete, pique-tartaruga, tem até pique- freezer!

Marita Martins Redim escreveu no seu texto "Planejando na ~~educação~~^{educação} infantil com um fio de linha e pouco vento... (2013) que o planejamento é muito mais um desenho

Continuação da Questão 01

sinuoso que permite ir e vir, dar voltas, Zigue zaguear do que uma prescrição linear. Isto, porque segundo a autora, "o planejamento só se concretiza num tempo espaço mediado pelas brancas e suas culturas". Logo, "planejar um trabalho com as brancas deveria ser, então, permitir-se embarcar numa viagem sem programação (...) e deixar que o inesperado apareça, é poder deparar-se com o indeterminado sem medo, permitir-se ocupar espaços e intensificar afetos" (REDIM, 2013).

Diferente do planejamento institucional, aquele fixo que precisa ser feito e entregue na maioria das escolas e que divergem com a realidade das brancas, do grupo, a rotina pode ser mais fluida, isto é, se não for burocratizada como em algumas escolas, dividida em tempos (50 minutos em sua maioria) e espelhadas nos anos seguintes da educação básica. Fluida, por abrir ~~o~~ o diálogo entre professor-grupo, uma vez que este entende as especificidades de brancas de zero a seis anos. Um espaço dialógico, construído entre os envolvidos e experimentado por ~~todos~~ todos.

Nesse sentido, a rotina dialógica e fluida nos ajuda a organizar o dia, bem como as brincadeiras, jogos, desenhos e atividades que ~~ocorrem~~ as brancas terão nas 4/5 horas na escola. A rotina nos auxilia na organização do espaço-tempo entre as atividades e quando escritas no quadro ou papel possibilitam contato com a leitura e escrita de forma espontânea e natural já que faz

Continuação da Questão 01

parte do cotidiano das brancas e possui significado para elas.

Nesse embate ~~de~~ ^{entre} rotina institucionalizada e planejamento institucionalizado e rotina e planejamento dialógicos, temos na primeira opção o ludibriamento das normas e regras instituídas para realizar um trabalho que ~~tem~~ ^{tem} significado para as brancas. Diferente da segunda opção, que acontece mediante participação de todos envolvidos no processo.

O fator principal e que foge do sujeito principal: a branca, são os interesses e comodidades dos profissionais que buscam focar no que se produz, no quantificável, no concreto, ao invés de privilegiar a escuta, as falas e expressões que as brancas realizam mediante suas significações/representações de mundo.

Questão 02

Enquanto chegava à escola percebi que algumas crianças estavam no pátio olhando para o céu. Quando fui me aproximando vi que eram ~~crianças~~ ^{as} crianças da minha turma (faixa de três anos) e, intrigada, perguntei: O que vocês fazem aqui? Eles, agitados e curiosos falavam entre si e nem me ouviram. Eu, abaixei e perguntei para uma criança que estava no grupo: O que vocês estão olhando? E ela impaciente respondeu: a lua! Quando eu cheguei ia entrar na sala mas vi a lua, falou ~~outra~~ ^{outra} criança. O que ela faz aqui? Já está de dia porque não foi embora? Porque ela quer continuar acordada, respondeu uma criança. Não foi isso não, foi porque o sol não veio, aí a lua ficou no lugar dele, outra criança respondeu. A lua segue o gente, quando fui levar minha irmã no balé ela saiu de casa junto comigo e continuou até eu chegar lá, falou outra criança. Será que a lua que estamos vendo é a mesma que está no solário? perguntei ~~ao~~ ^{ao} grupo. Será? e ouvindo todos foram ao solário ver a lua e depois voltaram para o pátio. Depois de umas cinco idas e vindas ^{entre o solário e pátio}, uma criança falou: que legal brincar com a lua, não sabia que ela podia brincar com crianças. E o nosso projeto nasceu.

Maria Carmem Barbosa (et al) cita em seu livro "Projetos pedagógicos na educação infantil (2008)" que para trabalhar com crianças é preciso aprender sobre elas. "Precisamos ouvi-las, observá-las, conversar com elas, estar junto a elas para poder ampliar suas vivências", aponta a autora.

Entendo, assim como Louro (2006) que o estudante na educação infantil precisa ~~de~~ de ambientes que se abram para as brincadeiras, pois estas "dão o modo como as crianças dão sentido ao

Continuação da Questão 02

mundo, produzem história, criam cultura, experi-
mentam e fazem arte". É através da brincadeira
que a criança interage e constrói conhecimentos
sobre si mesma e sobre sua realidade.

Aguardar este olhar não é tarefa fácil, ~~mas~~ ^{mas} ~~possível~~ ^{possível} a partir de momentos ~~que~~ ^{que} entendemos a criança como "sujeitos criativos e autônomos" (CORSINO, 2009) que transitam polifonica-
mente entre papéis, revertem-se entre interlocu-
tores e ouvintes dos próprios enunciados (idem).
Seu corpo e movimentos são importantes ele-
mentos por ~~estabelecerem~~ ^{favorecerem} a expressividade ~~de~~ ^{di} dialógica, ~~de~~ ^{de} ~~isto~~ ^{isto} é, o diálogo tão mencionado
por Wallon.

Com as manifestações infantis em foco de
todo o trabalho pedagógico, prioritariamente
temos a linguagem como eixo principal,
pois "enuncia, expressa e manifesta a ~~linguagem~~
~~para~~ subjetividade da criança, isto é, abre espa-
ço para a voz da criança, suas narrativas,
suas formas de ver, sentir e conhecer o mundo"
(CORSINO, 2006) Entendendo, sobretudo a fluidez
de seus interesses e condições.

Em seu texto "Educação infantil: espaços
e experiências" (2006) Guimarães aponta que
além de entender a criança como ativa,
exploradora e criadora de sentidos, precisa-
mos entender seus modos de ver e vivenciar
o cotidiano escolar indo ao encontro dos
espaços e objetos que catalizam interações e
favoreçam a expressividade.

Dentro desse contexto, vale dizer que
a linguagem é um instrumento de
ação no mundo, sobre o outro, com o
outro e com os muitos outros que constituem

Continuação da Questão 02

o nosso pensamento e a nossa consciência (CORSIÑO, 2009).

Para Vygotsky (1993) a inter-relação entre linguagem e gesto é a expressão de desejos, sentimentos e comunicação entre os indivíduos. Deste modo, as palavras servem para rir, chorar, brincar, trocar experiências e, sobretudo marcar o olhar da criança.

Benjamin (1993) nos auxilia nesse debate quando aborda que a narrativa é o espaço fundamental de interlâmbio de experiências. Quando narra a experiência constrói um significado diferente do que foi dado por cada criança que ali estava. Isto é importante para entendermos a linguagem como espaço possível de troca entre as crianças, bem como a construção de sentidos por parte delas sobre uma situação. A linguagem ainda nos possibilita a contar histórias, entendendo o olhar da criança; trocar experiências, vivenciando as conversas entre criança-criança e criança-adulto; e compreender o desenho e escrita como gestos físicos no papel como sugere Vygotsky.

A linguagem quando manifestada através da arte, isto é, desenho, pintura, dramatização, música e literatura traz consigo a "sutileza e riqueza do homem como indivíduo e como parte de um contexto sociocultural." (CORSIÑO, 2006).

Exemplificando todos os possíveis papéis da linguagem no cotidiano da educação infantil, podemos citar as rodas de conversa como espaço propício às trocas; as brincadeiras livres em sala e nos ambien-

Continuação da Questão 02

tos externos, quando as crianças (re)criam
seus olhares e desvendam/desubrem o poder
imaginativo; nos desenhos livres individuais
e coletivos; nos lances da sala, onde procuram
espaços para expressar-se de acordo com suas
preferências; enfim, momentos do cotidiano
que suscitam diálogos e interações entre
diferentes grupos.